



ADVÉRBIO

Revista Científica dos Cursos de Comunicação do Centro Universitário FAG

Vol.17 - N. 33 | 2022 | ISSN 1808-883X

UM OLHAR SOBRE A NOTÍCIA IMPRESSA VERSUS A NOTÍCIA ONLINE

Franciele Luzia de Oliveira Orsatto (IFPR)
Isabela Gasparin Soligo (IFPR)

UM OLHAR SOBRE A NOTÍCIA IMPRESSA VERSUS A NOTÍCIA ONLINE

Franciele Luzia de Oliveira Orsatto (IFPR)¹
Isabela Gasparin Soligo (IFPR)²

RESUMO:

O presente trabalho visa apresentar resultados de pesquisa que tem como foco a análise de notícias publicadas em meio impresso e digital, a fim de observar semelhanças e diferenças considerando o suporte em que circulam. Considera-se que um texto não é um artefato portador de sentidos que surge para traduzir um pensamento pré-concebido; é, na verdade, materialização de discursos, produção de um sujeito situado historicamente, que se organiza de acordo com determinados parâmetros quanto a conteúdo temático, estilo e construção composicional. Os gêneros do discurso, objetos históricos e socialmente situados, estão sujeitos, portanto, a transformações. É um olhar sobre essas transformações – confrontadas com as permanências – que o presente estudo visa lançar, partindo dos estudos de Bakhtin (2011) e de Marcuschi (2008). O *corpus* é composto por notícias publicadas em um site com notícias locais de Cascavel-PR e um jornal impresso com a mesma abrangência. Tem-se observado que o domínio jornalístico, diante da influência da tecnologia e da força da comunicação digital, tem sofrido diversas mudanças ao longo dos últimos anos, confirmando que o gênero não pode ser estudado de forma desvinculada de seu suporte. O presente trabalho é resultado do projeto PIBIC-Jr desenvolvido no IFPR-Cascavel, intitulado “Gêneros discursivos: permanências e transformações”, que envolve uma bolsista do curso técnico de Análises Químicas integrado ao ensino médio.

PALAVRAS-CHAVE:

Gêneros do discurso. Notícia online. Notícia impressa.

¹ Doutora em Letras, professora do Instituto Federal do Paraná. E-mail: franciele.orsatto@ifpr.edu.br.

² Aluna do curso de Análises Químicas Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Paraná. E-mail: isabelagasparinsoligo017@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Segundo Bakhtin (2002), todo discurso é dialógico. A palavra é proferida em função do outro, esteja ele materialmente presente ou não, havendo ou não resposta imediata. E está sempre no meio do caminho, no fio interminável da interação: entre o que já foi dito e o que ainda há de ser dito, levando em conta possibilidades de dizer ou de silenciar. Assim, pensar na produção discursiva – que se materializa em textos – implica necessariamente pensar no processo dialógico que a engendra e que envolve sujeitos históricos que vivenciam contextos culturais, históricos, políticos, sociais e ideológicos.

É sob esse viés que este trabalho se propõe a observar o domínio jornalístico e a produção discursiva que ocorre nesse domínio, focalizando o gênero notícia nos suportes impresso e online. Analisando duas notícias sobre a mesma temática, uma publicada no jornal impresso *Gazeta do Paraná* e outra publicada no portal *CGN*, dois veículos que se dedicam à cobertura de Cascavel-PR e região, pretende-se observar quais características permitem identificá-las como exemplares do gênero, ao mesmo tempo em que se investiga se há particularidades que ocorrem em função de seus diferentes suportes.

Para tanto, além do seu inevitável caráter dialógico, é preciso considerar a historicidade do gênero em questão. Na atualidade, a notícia vem ganhando contornos cuja origem se relaciona à forte presença da tecnologia no cotidiano global. Se, antes, era possível associar a notícia quase que unicamente a uma manifestação verbal (como a notícia transmitida numa interação face a face ou uma notícia radiofônica), cada vez mais a notícia se direciona ao caminho da multimodalidade – associando-se a fotos, ilustrações, infográficos e, no meio digital, também a vídeos, hiperlinks e ferramentas interativas.

É por esse caminho, portanto, que o presente artigo se inicia. Apresenta-se, primeiramente, uma reflexão sobre os gêneros do discurso e o domínio jornalístico, considerando as transformações históricas pelas quais vem passando. Na sequência, trata-se do gênero notícia, analisando o *corpus* de forma a considerar as especificidades do suporte em que os textos circulam e como o caráter dialógico do gênero se manifesta em cada um dos exemplares em questão.

2 OS GÊNEROS DO DISCURSO E O DOMÍNIO JORNALÍSTICO

À luz dos estudos bakhtinianos, é preciso considerar que a sociedade se organiza em campos da práxis humana e, no interior desses campos, em decorrência de necessidades específicas que interferem no uso da linguagem, gêneros do discurso surgem e se complexificam, num processo dinâmico. Atendendo a uma função social, um gênero se forma enquanto um tipo relativamente estável de enunciado, assumindo características específicas quanto a seu conteúdo temático, estilo e construção composicional.

É preciso destacar que nem o domínio discursivo nem o gênero do discurso devem ser vistos enquanto meras estruturas: como alerta Marcuschi (2008), o domínio discursivo não é apenas um princípio de classificação de textos e, como destaca o próprio Bakhtin, o desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso “redundam em formalismo e abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011, p. 265).

Assim, para pensar nas práticas de linguagem que acontecem no domínio jornalístico, é preciso levar em conta como esse domínio se organiza e as marcantes mudanças que têm enfrentado nos últimos anos. Como afirma Santaella (2014a, p. 207), desde a emergência da cultura digital, a partir dos anos 1980 – e cada vez mais intensificada – “estamos imersos em ambientes interativos, de natureza dialógica”. Essa cultura tem gerado reflexos profundos tanto na forma de produção do conteúdo jornalístico quanto na forma como esse conteúdo é consumido pelo público.

Até mesmo a forma de ler parece ter sofrido modificações. Enquanto antes a leitura tendia a ser mais linear, hoje a informação escorrega pelas telas numa velocidade considerável. O leitor não vira páginas em sequências, mas perambula, acessa hiperlinks, movimenta-se diante de imagens, fotos, animações, sons, textos verbais etc., interage, compartilha, conecta-se. Santaella (2014b), a partir da definição de quatro tipos de leitores, denomina esse tipo de leitor de leitor ubíquo, explicando que se trata de um leitor com características comuns ao leitor movente e ao leitor

imersivo (tipos de leitores que se diferenciam do leitor contemplativo, característico do século XVI, associado a uma leitura mais solitária e estática). Do leitor movente – um leitor fugaz, de memória curta, mas ágil – o leitor ubíquo herda a capacidade de ler e transitar entre formas, volumes, movimentos e direções. Ao mesmo tempo, o leitor ubíquo é também imersivo porque tem a capacidade de penetrar no ciberespaço informacional.

Num mundo em que dispositivos móveis de comunicação são cada vez mais utilizados, permitindo encontros independentes da presença física e criando novas formas de socialização, compartilhamento e participação, o leitor vê-se diante de um sistema multimodal, lidando, simultaneamente, com estímulos do mundo ao redor e do mundo informacional. Nesse universo, sua atenção “é irremediavelmente uma atenção parcial contínua. Quer dizer, a atenção responde ao mesmo tempo a distintos focos sem se demorar reflexivamente em nenhum deles. Ela é continuamente parcial. Esse é o perfil cognitivo do leitor ubíquo (SANTAELLA, 2014b, p. 36).

Enquanto novas ferramentas de comunicação têm ganhado destaque, com especial ênfase para os celulares e sua possibilidade de convergir jogos, vídeos, fotos, músicas e textos verbais, outros tipos de fonte de leitura têm perdido força. Como é facilmente perceptível, o jornal impresso há muitos anos deixou de ter destaque enquanto fonte primordial de informação. Em 2002, como relata Gandour (2016), um estudo feito pelo jornal *The Times* apontou diversos motivos para a queda de leitura dos periódicos impressos no Reino Unido: mudanças nas rotinas familiares, trabalhos em meio-período, falta de hábito de andar com dinheiro no bolso e diminuição dos pontos de venda etc. Destaca-se que isto ocorria em um mercado impresso vigoroso se comparado a outros países, muito antes de a Internet e as redes sociais impactarem mais de perto o cotidiano do público.

Esse processo só se intensificou a partir de então e veio acompanhado de outro fenômeno “intercorrente, simultâneo e cruel: a pressão oriunda da crise do modelo de negócio dos jornais. De fato, a principal fonte de sustentação dos jornais, as receitas publicitárias, vem caindo desde o final da década de 90” (GANDOUR, 2019, p. 21). As vendas avulsas e assinaturas diminuíram – as bancas de jornal praticamente sumiram do cenário das cidades – e as redações jornalísticas ficaram muito mais enxutas; os profissionais passaram, também, a assumir funções múltiplas – um mesmo jornalista

pode fazer a pauta, produzir a reportagem, fotografar, filmar e editar vídeos etc. Houve também a integração de títulos e equipes, além de cortes de jornalistas. Para exemplificar, no Brasil, oito veículos de grande importância e influência pararam de circular, entre 2009 e 2015: *Gazeta Mercantil, Jornal do Brasil, O Estado do Paraná, Jornal da Tarde, Diário do Comércio, O Sul, Brasil Econômico* (PACETE, 2015).

O faturamento publicitário dos jornais diminuiu consideravelmente. Conforme aponta Gandour (2019), em 1996, no Brasil, a fatia de participação dos jornais em relação ao total do bolo publicitário (entre TV, rádio, revistas, jornais e internet) era de 25% e, em 2013, passou a 10%, de acordo com dados da Associação Nacional de Jornais (ANJ). Em 2014, esse monitoramento feito pela ANJ deixou de ser feito e um dos motivos foi a negativa de empresas globais de tecnologia, como Google e Facebook, em informar seu faturamento com a captação crescente de investimento publicitário.

Todos esses fatores são sintomáticos no sentido de apontar como as mudanças quanto à comunicação entre pessoas de forma em geral e ao domínio jornalístico têm sido profundas. Por outro lado, é preciso lembrar que em outros momentos da história o jornal impresso foi "ameaçado", já que os ciclos de transformação são uma constante na história da mídia. Um ano depois da inauguração da primeira linha telegráfica ligando Baltimore a Washington, nos Estados Unidos, pensava-se que não haveria mais sentido em assinar jornais se, em poucos minutos, era possível informar-se por meio de correspondência telegráfica (GANDOUR, 2019). Adotando uma lógica semelhante, também se previa o fim do rádio na década de 1950, após o surgimento da televisão. Diante disso, parece difícil prever o desaparecimento completo de um meio de comunicação, mas as transformações em praticamente todos eles, ao longo dos anos, são inegáveis.

As mídias se transformam, os processos de produção e de recepção/consumo de informações também. Sendo assim, não há outra forma de pensar a não ser considerando que essas transformações se refletem nos gêneros do discurso, modificando-os. Muito mais do que estruturas, conforme já destacado, gêneros do discurso são manifestações de linguagem e, enquanto tal, devem ser compreendidos a partir de seus elementos constitutivos, que vão além da estrutura linguística. É preciso, portanto, debruçar-se sobre o enunciado, visto que esta é a *unidade real da*

comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011). Assim, na sequência, passa-se à análise de dois enunciados concretos a partir dos quais se pretende compreender melhor o gênero notícia na atualidade.

3 A NOTÍCIA ONLINE *VERSUS* A NOTÍCIA IMPRESSA

A notícia é considerada a matéria-prima do jornalismo. Seu surgimento, enquanto gênero que se conhece hoje no universo jornalístico, está ligado ao surgimento da imprensa, possibilitado pela invenção da prensa por Gutenberg e no aumento ao acesso à alfabetização – o que ocorre na Europa na mesma época em que surgem cidades-empórios nas proximidades da Itália, com intensa troca de mercadorias, gerando acúmulo de capital e atraindo pessoas.

Segundo Lage (2003), a imprensa periódica surge no século XVII e, nos primeiros jornais, a notícia aparece como fator de acumulação de capital mercantil: uma região em seca, sob catástrofe, indica que certa produção não entrará no mercado e uma área extra de consumo se abrirá, na reconstrução; a guerra significa que reis precisarão de armas e de dinheiro etc. A partir da Revolução Industrial – apesar de tentativas da Igreja e do Estado de tentarem conter os impressos com o índice e a censura – o jornal-empresa ganha forma, tendo como matéria principal a notícia.

Do ponto de vista de sua estrutura, no jornalismo moderno, a notícia pode ser definida como “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 2003, p. 16). Porém, não é qualquer fato que pode ser tematizado em uma notícia. Uma explicação conhecida e curiosa, atribuída por alguns a Amos Cummings, do *The New York Times*, ou a Charles Dana sobre a notícia é a seguinte: “Se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas se um homem morde um cachorro aí, então, é notícia, e sensacional” (AMARAL, 1997, p. 40).

Comumente, a produção da notícia é etapa posterior à realização de uma entrevista, para obtenção de dados. O “resultado” da conversa entre o jornalista e a fonte pode aparecer no texto através das declarações, ou seja, do discurso direto ou através do discurso indireto. Há ainda casos em que a menção da fonte é dispensável, como quando se trata de informação polêmica ou de caráter oficial. De qualquer

forma, as fontes – sejam elas pessoas ou documentos – são essenciais para o jornalismo, pois é a partir delas que o jornalista obtém as informações que repassará ao interlocutor.

O objetivo da notícia é levar a informação ao leitor/espectador, que não pode presenciar tudo o que acontece no mundo. Assim, a notícia se restringe a expor fatos da maneira mais imparcial e precisa possível, tendo como objetivo informar os acontecimentos que o jornalista supõe que sejam de interesse do público para o qual escreve. Sabe-se, no entanto, que a objetividade, embora almejada, é um mito, visto que entre o fato e a versão que dele publica qualquer veículo, há a mediação de um jornalista que carrega consigo uma formação cultural e opiniões a respeito do que está testemunhando, o que leva a ver o fato de maneira distinta de outrem (ROSSI, 2000). Qualquer uso de linguagem, aliás, não pode ser desvinculado da ideologia, o que impossibilita pensar que haja uma notícia completamente neutra. Conforme é possível compreender com o pensamento de Bakhtin (2014), não usamos palavras neutras e estáticas para nos comunicarmos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más etc. “A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 2014, p. 99). Sem essa relação com a ideologia, a comunicação nem seria possível, pois não está em jogo uma estrutura linguística dicionarizada e inerte, mas uma língua viva, que carrega relações com o entorno social que envolve os interlocutores.

A discussão sobre a objetividade e imparcialidade jornalística – que se estende a qualquer manifestação de linguagem – em muito transcende o que é possível abordar com este trabalho. No entanto, vale a pena mencionar uma relação entre a notícia e fenômenos originados a partir dela que colocam ainda mais em evidência a necessidade de ampliação dessas discussões. A notícia se coloca como axiomática, isto é, afirma-se como verdadeira e é importante que *pareça* verdadeira (LAGE, 2003). E o mesmo é buscado pelas *fake news*, que “se apropriam da aparência de notícias reais, ocultando-se sob um verniz de legitimidade” (VICENTE; MELO, 2020, p. 572). Conforme explicam Vicente e Melo (2020), a expressão *fake news* foi popularizada em 2017, pelo então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump e, desde então, tem sido muito mencionada. Trata-se de uma prática discursiva produzida em razão das relações de poder, promovida em larga escala nas redes sociais e em outras práticas de interação,

que provoca a desinformação intencionalmente. Por identificar várias características, Vicente e Melo (2020) explicam que as *fake news* podem ser reconhecidas como um gênero discursivo/textual.

Diferenciando-se das *fake news* e também surgida a partir da notícia, há ainda o que Figueira (2017) denomina desnotícia. Acionando muitas vezes jogos de palavras e construções absurdas, a desnotícia aciona a memória discursiva e remete a acontecimentos atuais, tematizados pelo discurso jornalístico, mas fazendo-o com outro objetivo. Não se trata de um papel informativo, mas humorístico e crítico. "Enquanto para um texto informativo e referencial como a notícia, a ficção é um erro, um interdito, para a desnotícia ele é o ponto de partida, o principal" (FIGUEIRA, 2017, p. 255). Ao contrário das *fake news*, que provocam a desinformação tentando passar-se por notícias legítimas, a desnotícia "*aparenta ser uma notícia apenas na medida em que pode ser reconhecida como não sendo uma*" (FIGUEIRA, 2017, p. 254, grifos do autor).

Outros gêneros que mantêm estreita relação com a notícia são a nota e a reportagem. Enquanto a notícia publica o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social, a nota caracteriza-se pela sua brevidade e por relatar acontecimentos em processo de configuração; tem por função noticiar, esclarecer ou mesmo responder a algo de forma breve. A reportagem, por sua vez, dedica-se a uma abordagem mais detalhada do que a notícia, visando não noticiar um fato, mas interpretá-lo, ampliando-o e contextualizando-o. A reportagem não precisa partir de um fato, mas pode abordar um assunto atual de interesse público, com uma extensão e detalhamento maior do que a notícia. Por serem gêneros próximos entre si ligados ao jornalismo informativo, muitas vezes é difícil definir com precisão particularidades exclusivas de cada um deles; de qualquer forma, deve-se ressaltar, mais uma vez, não se pode cair em uma obsessão classificatória, visto que compreender o funcionamento dinâmico e flexível dos gêneros afins é mais importante do que tentar enquadrá-los em caixas independentes.

A partir dessas considerações, no percurso metodológico deste trabalho, optou-se por focalizar veículos de comunicação locais, a saber o jornal impresso *Gazeta do Paraná* e o portal *CGN*, dedicados à cobertura de Cascavel-PR e região. Em seguida, fez-se um recorte quanto à temática e o período escolhidos, optando-se por coletar, durante o mês de junho de 2021, notícias referentes ao retorno às aulas durante a

pandemia. Nesse período, era frequente a publicação de textos sobre essa temática, visto que o ensino remoto emergencial já tinha se estendido bastante e havia um esforço para que as atividades escolares pudessem retornar. Por diversos motivos, esse retorno dividia opiniões e havia um clima de incerteza, pois era difícil definir se havia a segurança necessária para que as aulas presenciais retornassem – e as decisões sobre isso eram constantemente reavaliadas.

Confrontando as oito notícias publicadas nos dois veículos, quatro em cada, escolheu-se observar as duas que apresentavam mais correspondência quanto às informações veiculadas: “Aulas presenciais da rede municipal de ensino serão suspensas por curto período a partir da próxima semana”, publicada na *CGN* em 07/06 (EDUARDO, 2021), e “Aulas presenciais são suspensas com agravamento da pandemia”, publicada na *Gazeta do Paraná* em 08/06 (LUZ, 2021).

Os dois textos têm o mesmo objetivo central: informar que haveria suspensão das aulas a partir da segunda-feira seguinte. Este ponto, inclusive, é o que permite identificá-los como notícias: ambos têm como objetivo principal informar o leitor a respeito de um acontecimento pontual. A diferença quanto à extensão do texto e a disposição dos elementos na página são os primeiros pontos que chamam a atenção. Por motivos de espaço, as notícias completas não serão trazidas ao corpo deste texto, mas podem ser acessadas pelos links que constam nas referências (EDUARDO, 2021; LUZ, 2021).

A notícia da *CGN* organiza-se delimitando a editoria (Cascavel), seguida do título e de informações contextualizadoras paratextuais (data e horário, logotipo do veículo e assinatura do texto). Na sequência, apresenta-se um vídeo, com a presença mais uma vez do logotipo do veículo, com dez minutos da entrevista coletiva cedida pela secretária de Educação, sem edições, para só depois aparecer o corpo do texto escrito. O fato de o vídeo não ter aparentemente nenhum recorte chama a atenção: delega-se ao leitor a tarefa de extrair e hierarquizar as informações importantes da entrevista bruta. A rapidez da divulgação do vídeo é visivelmente priorizada em detrimento de uma edição que traga uma hierarquia e implique análise das informações apresentadas. Fica a cargo do leitor decidir se vale a pena gastar seu tempo assistindo ao vídeo – que pode ser deixado ligado enquanto este rola a página para, ao mesmo tempo, ler os parágrafos escritos.

Nota-se que os elementos visuais que acompanham a notícia carregam informações importantes de forma sintética: ao lado direito dos parágrafos, há os conhecidos símbolos das redes sociais Facebook e Instagram e dos aplicativos de mensagem Telegram e Whatsapp (ver figura abaixo). Esses elementos deixam vir à tona que o texto é feito não apenas para ser lido individualmente, mas para ser compartilhado de alguma forma. Quanto maior o número de compartilhamentos, maior o número de leitores alcançados – e maior se torna a visibilidade do veículo de comunicação, dos anúncios associados ao conteúdo etc. Os anúncios, inclusive, entrecortam o texto escrito: há um anúncio publicitário ao lado direito e mais anúncios a cada dois ou três parágrafos. A atenção do leitor é dividida: à medida que ele move a barra de rolagem para continuar lendo a notícia, depara-se com anúncios que são lidos de forma automática, ainda que superficialmente. Bastante breves e utilizando imagens e elementos verbais em movimento, com cores que chamam a atenção, não há tempo para o leitor “escolher” se vai lê-los ou não: para continuar se informando sobre o conteúdo central da notícia, acaba passando os olhos pelos anúncios. Além dos anúncios fixos na página, há ainda aqueles que aparecem em forma de janelas *pop-up* encobrendo o texto e precisam ser fechados pelo leitor para que ele volte a visualizar o texto principal. Não há, dessa forma, como fazer uma leitura linear, tendo em vista a quantidade de elementos que concorrem pela atenção.

Figura 1 – Tela inicial da notícia da CGN



Fonte: CGN, 2021

Enquanto a notícia impressa é composta de parágrafos extensos, ocupando ao total meia página, a notícia online é composta por parágrafos visivelmente curtos, com apenas um ou dois períodos cada. Na sequência, há o primeiro parágrafo da notícia da CGN, que se inicia da seguinte forma:

Na tarde desta segunda-feira (07) a secretária de Educação, Marcia Baldini concedeu uma entrevista coletiva para tratar sobre mudanças que ocorrerão na Rede Municipal de Ensino. (EDUARDO, 2021, s. p.)

Nota-se que o parágrafo não segue fielmente a estrutura do *lead*, porque não resalta a informação central da notícia procurando trazer respostas às perguntas “Quem? O que? Quando? Onde? Como? Por quê?”. Também não se segue fielmente a estrutura da pirâmide invertida, isto é, quando se começa a notícia em ordem de importância das informações, começando pelo fato mais importante. A informação central não é que a secretária concedeu uma entrevista coletiva, mas o que foi apresentado como declaração de interesse público nessa entrevista – e que já está anunciado no título. O primeiro parágrafo serve como uma sequência ou complementação ao título, o que se explica pela necessidade de sintetizar o texto ao máximo e oferecer uma leitura rápida.

Já o texto da *Gazeta do Paraná* tem como primeiro parágrafo o seguinte:

Ontem o Cmei Peter Pan, da rede municipal de ensino de Cascavel, precisou ter uma turma inteira suspensa. O motivo? Três alunos, (sic) e dois trabalhadores da educação tiveram diagnóstico positivo para a Covid-19. Estes não foram os primeiros casos desde que as unidades escolares da rede iniciaram um cronograma de retomada das atividades presenciais. De acordo com a Secretaria Municipal de Educação, desde o início desta retomada 59 casos positivos já foram identificados, entre alunos e trabalhadores. **Este processo que seria concluído neste mês, com todas as unidades atendendo presencialmente os alunos que optassem pelo presencial, precisou ser suspenso diante dos novos casos e do agravamento da crise sanitária frente à pandemia.** O anúncio foi feito ontem pela secretária de Educação, Marcia Baldini, durante uma coletiva de imprensa. (LUZ, 2021, p. 2)

Além da visível diferença de extensão, nota-se que este parágrafo retoma, no trecho em negrito, a informação principal já anunciada no título. E faz essa retomada partindo da contextualização do fato, tenho como ponto de partida o relato de um

acontecimento secundário (o que aconteceu no dia anterior no Cmei Peter Pan) que ajuda a explicar a decisão tomada pela Secretaria de Educação. Por valorizar essa contextualização, a abertura do texto revela uma aproximação com o gênero reportagem. Também se nota um trabalho estilístico maior na construção do texto, quando comparado à notícia online. Procura-se envolver o leitor, lançando a ele uma pergunta sobre o motivo da turma do Cmei Peter Pan ter sido suspensa. A pergunta não é feita porque se espera uma resposta imediata, mas para chamar a atenção do interlocutor a partir da simulação do diálogo, pressupondo que esta seria a continuação da conversa se houvesse alternância nos turnos de fala. O interlocutor pode não responder de forma física imediata, mas sua presença de alguma forma é marcada por esse direcionamento do texto, revelando, mais uma vez, o caráter dialógico do discurso (BAKHTIN, 2002). Quando se fala em dialogismo, deve-se considerar que todo enunciado é uma resposta a um já dito; nesse caso, pode-se dizer que a suspensão da referida turma do CMEI articula-se a partir de ditos anteriores sobre outras suspensões ocorridas devido a surtos de COVID noticiados em várias partes do mundo. É isto o que é compartilhado entre quem produz a notícia e quem a lê, como se o autor expressasse o seguinte: "caro leitor, nesse cenário em que estamos vivendo, você já deve imaginar o motivo...". E a partir desse terreno compartilhado é que o texto tem sequência, acrescentando novas informações.

Ainda neste primeiro parágrafo, pode-se verificar outra face do dialogismo, mais precisamente um dialogismo mostrado marcado pela menção à fonte principal da matéria, no trecho "De acordo com a Secretaria Municipal de Educação" e, mais adiante, em "O anúncio foi feito ontem pela secretária de Educação, Marcia Baldini". As informações apresentadas são atribuídas à Secretaria e fica claro que vieram diretamente da secretária que concedeu a entrevista coletiva. As duas notícias em análise, tanto da *CGN* quanto da *Gazeta do Paraná*, apresentam esta fonte como a principal e, por meio de elementos tipográficos e linguísticos, demarcam esse dialogismo típico do gênero (CUNHA, 2010). A notícia é um dizer sobre o(s) dizer(es): visto que busca a objetividade e imparcialidade, seu autor não é o responsável pelas informações que apresenta, por mais que, muitas vezes, deixe escapar nuances de adesão ou discordância em relação às fontes ou, ainda, que sejam perceptíveis de

alguma forma as tonalidades ideológicas de sua intervenção ao selecionar e articular o que é trazido ao texto.

Ainda sobre o destaque dado à fonte, nota-se que a notícia online, além de demarcar as citações diretas com as aspas, apresenta-as em negrito, em parágrafos diferentes e com recuo. O destaque visual aparece como uma sugestão de direcionamento de leitura, para que o leitor, se não optar por ler o texto completo, confira apenas os trechos destacados.

Figura 2 – Continuação da notícia da CGN



Fonte: CGN, 2021

Esse recurso não é observado na notícia da *Gazeta do Paraná*, que parece orientar uma caminhada de leitura mais linear, sequencial. O negrito aparece apenas no subtítulo (linha fina) da matéria, na assinatura, na legenda da foto e no título da retransmissão (Cenário).

Figura 3 – Notícia da Gazeta do Paraná



Fonte: Gazeta do Paraná, 2021

A sequência do texto da notícia impressa mantém o padrão observado no primeiro parágrafo: valoriza-se o detalhamento e a articulação das informações, trazendo-se ao texto citações diretas e indiretas da principal fonte de informação. Enquanto a notícia online traz as informações de forma sintética, a impressa traz mais elementos e explicações, inclusive quando se comparam os recortes da fala da fonte principal, como se vê nos trechos a seguir. Sobre o trabalho dos profissionais da educação, *CGN* traz a seguinte citação direta: “Estamos trabalhando muito além do que se fosse totalmente presencial”, diz a secretária. (EDUARDO, 2021, s. p.)

A *Gazeta do Paraná*, por sua vez, apresenta um recorte bem mais extenso, mencionando informações sobre a merenda e o retorno das aulas que não aparecem na notícia online:

“Nossos profissionais continuam enviando as atividades acompanhando pais e alunos, orientando pelas mídias sociais. Nossos profissionais vão dar continuidade a este trabalho remoto. Ninguém parou. Na educação todos estão trabalhando. Ao contrário do que muita gente diz, estamos trabalhando muito além do que estaríamos se fosse totalmente presencial. Da mesma forma vamos rever a

merenda escolar. Se passa um mês, vamos voltar a questão da merenda escolar. Mas considero que nas próximas semanas teremos o controle da pandemia e poderemos estar voltando. A volta não será de forma escalonada, teremos uma volta de escolas e depois de Cmeis”, disse. (LUZ, 2021, p. 2)

Enquanto o texto da *CGN* se limita a citar como fonte a secretária de Educação, a *Gazeta do Paraná* traz outras além desta. Na retranscrição “Cenário”, trecho final do texto, são acrescentados detalhes contextualizadores da situação que não aparecem na notícia da *CGN*. Como o título mesmo indica, delinea-se o pano de fundo em que o acontecimento principal ocorre:

Cenário

Ontem Cascavel registrava um total de 339 casos ativos e 42 novos casos positivos. É fato que os números relacionados a casos ativos já foram muito mais expressivos. No entanto, a *Gazeta do Paraná* já noticiou que a testagem tem sido tímida no município, o que favorece a ocorrência de subnotificação de casos. [...]

O mapa de ocupação de leitos do Consamu [...] mostra de (sic) ontem 167 pacientes estavam clicados para leitos de UTI na Macrorregional Oeste, diante de apenas 6 leitos disponíveis. [...] (LUZ, 2021, p. 2)

É visível que outros dados foram levantados além das informações fornecidas pela secretária de Educação. Traz-se ao texto a atualização do número de casos da Covid-19 divulgado diariamente pelo boletim de saúde do município e, logo na sequência, faz-se uma relação analítica a respeito desses números: é provável que os números sejam maiores e que a situação seja ainda mais grave do que se pensa (visto que a testagem é adjetivada como *tímida*). Essa é a avaliação feita pela *Gazeta do Paraná*, retomando a cobertura do próprio jornal, ou seja, o que se disse antes e que contribui para constituir o sentido do dito presente e para proporcionar uma compreensão maior desse dito. Assim, pode-se dizer que as marcas da interdiscursividade aparecem mais à mostra na notícia impressa.

Na sequência, na parte final do texto, após apresentar dados gerais sobre a pandemia além dos que são ditos explicitamente pela secretária de Educação, retoma-se novamente a fala desta fonte principal – que não traz grandes acréscimos em termos de informações novas, mas que reforça a necessidade da já anunciada suspensão das aulas: “Não é brincadeira. Os pais que cuidem muito dos filhos neste momento. [...] Vamos evitar

a circulação em lugares que tenham pessoas que possa ter contágio. [...] Tudo se recupera. A vida jamais. Tanto a nossa como a das pessoas que a gente ama', disse."

A fala da secretária ecoa outros dizeres a respeito da pandemia que circulam na sociedade: em propagandas, nas redes sociais, nas conversas cotidianas etc. Dizeres que sustentam a importância de valorização da saúde e de proteção à vida nesse contexto, baseados no discurso científico e traduzindo-se em direcionamentos instrucionais como "use máscara", "vamos evitar a circulação/aglomeração" etc.

A forma como o texto é encadeado acaba relevando adesão ao posicionamento da fonte, visto que se opta por trazer não só a informação "nua e crua" que ela revela, mas também a ênfase na gravidade da situação – que é ampliada com dados além daqueles que a fonte apresenta. Ainda sobre outros dizeres que se relacionam com o dito presente, nota-se que este aparece em confronto com vozes que questionam a necessidade de suspensão de aulas presenciais, *lockdowns* no comércio etc. e até mesmo de cuidados sanitários básicos. Não se explicita no texto, em forma de heterogeneidade mostrada, a existência dessas vozes, mas sabe-se que elas existem e são mobilizadas no processo de construção de sentido: se não existissem, talvez não seria necessária a ênfase a determinados pontos.

A mesma ênfase não é observada, no entanto, na notícia online, que termina acrescentando uma informação nova e acrescentando um convite ao leitor: "Em relação as escolas particulares, o secretário de saúde, Miroslau Bailak repassará um comunicado para estes estabelecimentos de ensino. Veja acima a entrevista coletiva ao vivo" (EDUARDO, 2021, s.p.). Logo após, aparece o número de Whatsapp do veículo, com os dizeres: "Canal direto com nossa redação - Envie sua solicitação que uma equipe nossa irá atender você." A forma como a notícia é encerrada parece sugerir ao leitor que continue acompanhando o veículo de comunicação, pois novas informações podem ser divulgadas a qualquer momento; e que, se não estiver satisfeito com a profundidade do texto escrito após lê-lo, que confira a entrevista completa em vídeo. Reforça-se, ainda, a possibilidade de interação via aplicativo com a equipe jornalística. A forma como os dois textos em análise são construídos, portanto, mostra que há uma série de particularidades que se explicam pelo suporte em que circulam: as informações centrais são as mesmas, mas ganham contornos particulares em cada uma das abordagens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é consenso dizer – mas ao mesmo tempo vale a pena reafirmar, não é possível pensar na produção discursiva sem levar em conta seu caráter dialógico. É somente a partir desse olhar que se pode ampliar a compreensão da língua em uso, produzindo sentidos, enfim, cumprindo uma função na sociedade que a utiliza. Mesmo textos aparentemente monológicos carregam marcas do outro, lançam mão de vozes alheias, articulam dizeres anteriores e futuros, silêncios.

Nessa perspectiva, a análise das notícias escolhidas levou a constatar que os dois textos têm características que permitem identificá-los como exemplares do gênero notícia – aproximando-se, no caso da impressa, do gênero reportagem. E, dependendo do suporte, os textos apresentam particularidades, entre as quais destacam-se as maneiras diferentes de marcar o dialogismo.

A princípio, seria possível pensar que a notícia online, por estar em uma ferramenta interativa, poderia deixar esse dialogismo muito mais à mostra quando comparada com a notícia impressa. No entanto, este não é bem o caso. A notícia online apresenta marcas direcionadas à ação do leitor, sugerindo que ele compartilhe o texto via redes sociais, que entre em contato via Whatsapp e faz com que ele participe da leitura lendo o texto principal e os anúncios – ou tentando “desviar” deles, fechando os banners e pop-ups que aparecem etc. A notícia impressa, por sua vez, não traz essas marcas; mas, ao trazer mais fontes ao texto e ampliar a análise dos fatos apresentados, acaba ressaltando o dialogismo em sua face de heterogeneidade mostrada, valorizando a composição polifônica, isto é, as várias vozes a serem consideradas para que o texto faça sentido.

Assim, pode-se dizer que a notícia de cada um desses suportes tem suas estratégias próprias para tentar “ganhar o leitor” – sujeitas a reformulações a qualquer momento, a depender do cenário histórico e social em que o processo de produção jornalística ocorre.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. **Jornalismo**: matéria de primeira página. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- BAKHTIN, M. M.; BERNARDINI, Aurora Fornoni. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- CUNHA, D. A. C. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In.: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- EDUARDO, P. Aulas presenciais da rede municipal de ensino serão suspensas por curto período a partir da próxima semana. **CGN**. 07 jun. 2021. Disponível em: <<https://cgn.inf.br/noticia/437834/aulas-presenciais-da-rede-municipal-de-ensino-serao-suspensas-por-curto-periodo-a-partir-da-proxima-semana>> Acesso em: 4 nov. 2021.
- FIGUEIRA, Filipo Pires. (Des)notícia: a (des)construção de um gênero discursivo. **Letras em Revista**, Teresina, v. 8, n. 1, p. 237-257, jan. 2017. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/30>. Acesso em: 07 out. 2021.
- GANDOUR, R. **Jornalismo em retração, poder em expansão**: como o encolhimento das redações e o uso crescente de redes sociais por governantes podem degradar o ambiente informativo e prejudicar a democracia. 2019. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-23072019-114456/publico/RicardoGandour.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.
- LAGE, N. **A estrutura da notícia**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2003. 64p.
- LUZ, B. B. Aulas presenciais são suspensas com agravamento da pandemia. **Gazeta do Paraná**. 08 jun. 2021. Edição 9668. Disponível em: <<https://www.gazetadoparana.com.br/pub/publico/?numero=9668&edicao=115907>> Acesso em: 4 nov. 2021.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PACETE, L. G. Brasil perdeu oito jornais em 6 anos. **Meio & Mensagem**. 15 jul. 2015. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2015/07/15/brasil-perdeu-oito-jornais-em-6-anos.html> Acesso em: 28 set. 2021.
- ROSSI, C. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- SANTAELLA, L. Gêneros discursivos híbridos na era da hiperídia. In: **Bakhtiniana**. São Paulo. v. 9, n. 2, 2014a, p. 206-216.
- SANTAELLA, L. O leitor ubíquo e suas consequências para a educação. In: TORRES, Patrícia Lupuion. (org.). **Complexidade**: Redes de Conexões na produção do conhecimento. Curitiba: Kairós Edições, 2014b, v. 1, p. 27-44. Disponível em: <<https://www.agrinho.com.br/materialdoprofessor/metodologicos-o-leitor-ubiquo>> Acesso em: 28 set. 2021.
- VICENTE, R. B.; MELO, I. K. S. de. Fake news: um estudo do gênero textual. **Revlet**: Revista Virtual de Letras, Jataí, v. 12, n. 2, p. 566-585, ago/dez. 2020. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/595.pdf>. Acesso em: 07 out. 2021.